

# Piedade popular no Cristianismo: a formação do marianismo na Antiguidade Tardia

*Popular piety in Christianity: the formation of marianism in Late Antiquity*

LUDIMILA CALIMAN CAMPOS\*

*Doutoranda em História (UFES). Mestre, licenciada e bacharel em História (UFES)*

Ph.D. in History (UFES). Master licensed and graduated in History (UFES)

**RESUMO** O presente artigo tem como principal objetivo analisar o surgimento da veneração a Maria, a qual permeou, inicialmente, do século 2 ao 5, como uma demonstração de devoção popular. Tal veneração estava alocada em fronteiras culturais expressas por meio de uma *interpretatio* tipicamente cristã, sendo esta manifestação de piedade empreendida pelas devotas cristãs, monges e gentios. Os documentos propostos são de grande valia para se entender a hibridização do culto, bem como a domesticação da piedade mariana pela *ekklesia* ortodoxa.

**PALAVRAS-CHAVE** Religião, Império Romano, marianismo, conflito, hibridismo.

**ABSTRACT** This article is meant to examine the rise of the veneration of Mary, which permeated initially Century II to V, as a demonstration of popular devotion. This was allocated to cultural boundaries expressed by *interpretatio* a typically Christian, and this demonstration of piety undertaken by devout Christian, monks and Gentiles. The proposed documents are of great value to understand the hybridization of worship, as well as the domestication of the Marian piety by the *ekklesia* orthodox.

**KEYWORDS** Religion, Roman Empire, Maria's movement, conflict, hybridism.

\* Ludimila Caliman Campos é doutoranda da Universidade Federal do Espírito Santo no curso de Pós-graduação em História Social das Relações Políticas, sob a orientação do prof. Dr. Gilvan Ventura da Silva. Atualmente é bolsista da CAPES. / *Ludimila Caliman Campos is a doctoral student of Universidade Federal do Espírito Santo in the course of Postgraduate Social History of Political Relations under the guidance of Dr. Gilvan Ventura da Silva. She is currently a scholarship from CAPES.*

A história da exaltação e devoção a Maria foi marcada por algumas definições particulares acerca da personagem: Maria, a virgem perpétua; Maria, a mediadora da graça; Maria, a mãe de Deus; Maria, a nova Eva; Maria, a assunta aos céus; Maria, a imaculada concepção. Todos estes títulos foram degraus de uma paulatina apoteose da Maria que se forjou em dois níveis: o da piedade popular e o doutrinal-litúrgico.

Neste artigo propõe-se a abordar o primeiro nível. No que concerne a este, transferiu-se a Maria muito do sentimento de devoção que se expressava nos ambientes das culturas greco-romana e oriental. As origens da veneração primitiva a Maria estão centradas na antiga adoração às deusas da fertilidade e mães da terra, própria de um período pré-cristão. Frequentemente, diz-se que Maria é a sobrevivência das figuras de deusas das religiões orientais. De fato, nas antigas culturas, muitas figuras da deusa-mãe são encontradas. São pequenas estátuas esculpidas com seus seios à mostra e mulheres grávidas. Tais sociedades caçadoras e coletoras não detinham conhecimento de técnicas agrícolas e de irrigação, estando, assim, sujeitas a todas as intempéries (BENKO, 2004).<sup>1</sup> Destarte, o ato de dar à luz era tido como um momento sobrenatural durante o qual a mulher se revestia de um poder misterioso. A concepção era um símbolo para todas as forças da vida. A mulher como deusa é sempre referida como “a mãe dos deuses e dos homens”.

Na mitologia clássica greco-romana, também houve um significativo desenvolvimento das figuras das deusas. Cada aspecto da grande deusa-mãe do Oriente Médio foi retratado como uma figura feminina própria na religião clássica: Ártemis/Diana, a poderosa deusa-irmã caçadora; Démeter/Ceres, a deusa da colheita; Afrodite/Vênus, a deusa do amor e da beleza; Hera/Juno, a deusa-esposa; e outras.

Desse modo, tais religiões que traziam em seu panteão figuras como deusas-mães e virgens tornaram-se representações de Maria numa *interpretatio* das deidades. A hibridização delas na forma de uma *interpretatio* cristã empreendida no imaginário cristão foi determinante tanto para a conversão dos gentios quanto

The story of exaltation and devotion to Mary was marked by some definitions about the particular character: Mary a perpetual virgin, Mary, mediatrix of grace, Mary, the mother of God, Mary the New Eve, Mary, assumed into heaven, Mary, the immaculate conception. All these titles were steps of a gradual apotheosis of Mary that was forged on two levels: that of popular piety, doctrinal and liturgical.

This article intends to discuss about the first level. With regard to this, he moved to Mary's very sense of devotion that expressed itself in the environments of the Greco-Roman and Oriental. The origins of primitive devotion to Mary are centered in the ancient worship of fertility goddesses and mothers of the earth, itself a pre-Christian period. Often, it is said that Mary is the survival of goddess figures of Eastern religions. In fact, in ancient cultures, many of the mother goddess figures are found. They are small carved statues with their breasts exposed and pregnant women. Such hunting and gathering societies did not hold knowledge of farming techniques and irrigation, and are therefore subject to all the elements (BENKO, 2004).<sup>1</sup> Thus, the act of giving birth was considered a supernatural time during which the woman assumed a mysterious power. The design was a symbol for all the forces of life. The woman as goddess is always referred to as the “mother of gods and men.”

In classical Greek and Roman mythology, there was also a significant development of the figures of the goddesses. Every aspect of the great mother goddess of the Middle East was portrayed as a female figure in classical religion itself: Artemis/Diana, the virgin huntress goddess powerful, Demeter/Ceres, the goddess of harvest, Aphrodite/Venus, the goddess of love and beauty, Hera/Juno, the goddess-wife, and others.

Thus, these religions brought into their pantheon figures as mother goddesses and virgins became a representation of Mary *interpretatio* deities. Hybridization of them in the form of an Christian *interpretatio* was taken in determining either the conversion of the Gentiles and for the assimilation

<sup>1</sup> BENKO, Stephen. *The virgin goddess: studies in the pagan and Christian roots of mariology*. Leiden; New York: BRILL, 2004.

<sup>1</sup> BENKO, Stephen. *The virgin goddess: studies in the pagan and Christian roots of mariology*. Leiden; New York: BRILL, 2004.

of Christian doctrine for them.<sup>2</sup> By tolerating the veneration of Mary, the *ekklesia* got more followers, now identified with the new religion. Mary was not officially a Christian deity, yet some documents tend to regard it with the power and authority of a deity.

In the second century, a Christian author, whose identity is unknown, wrote a book “apocryphal” called *Proto-Gospel of James*.<sup>3</sup> The intriguing document is devoted entirely to telling the story of Mary, as well as to defend their virginity before and during the birth of Jesus. While the stories about the birth of Jesus brought a message of eschatological proclamation of a new era, the *Proto-Gospel of James* has a unique character of personal piety, pointing to the ideal of perpetual virginity of Mary (KOSTER, 2004).<sup>4</sup>

The *Proto-Gospel of James* was a very influential Marian text in Christian circles, which is observed even in the imagistic representations (KEARNS, 2008).<sup>5</sup> Many temples, iconography and classic titles, previously dedicated to the goddesses Greco-Roman and Oriental were transferred to Mary. The iconography, in particular, is represented on a recurring basis in the catacombs that also feature Marian scenes as the images below (Figs. 1, 2 and 3).

The personal devotion has its primary locus in the art in the form of visual piety. The early Christians expressed themselves artistically to reflect your opinion about God trying to communicate messages with an educational function, memorial, cultural and evangelistic. So part of our reference document deals with the iconography of the above

para a assimilação da doutrina cristã por eles.<sup>2</sup> Ao tolerar a veneração a Maria, a *ekklesia* recebia mais seguidores, agora identificados com a nova religião. Maria não foi, oficialmente, uma deidade cristã; todavia, alguns documentos tendem a considerá-la com o poder e a autoridade de uma divindade.

No século 2, um autor cristão, cuja identidade é desconhecida, escreveu uma obra “apócrifa” denominada *Proto-Evangelho de Tiago*.<sup>3</sup> O intrigante documento dedica-se inteiramente a contar a história de Maria, bem como a defender sua virgindade antes e durante o parto de Jesus. Enquanto as histórias sobre o nascimento de Jesus traziam uma mensagem escatológica de proclamação de uma nova era, o *Proto-Evangelho de Tiago* tem um caráter exclusivo de piedade pessoal, apontando para o ideal de perpétua virgindade de Maria (KOSTER, 2004).<sup>4</sup>

O *Proto-Evangelho de Tiago* foi um texto mariano muito influente nos círculos cristãos, o que se observa, inclusive, nas representações imagéticas (KEARNS, 2008).<sup>5</sup> Muitos templos, títulos e uma iconografia clássica, dedicados anteriormente às deusas greco-romanas e orientais foram transferidos a Maria. A iconografia, em especial, esta representada de forma recorrente em catacumbas também apresentam cenas marianas como as imagens abaixo (Figs. 1, 2 e 3).

A devoção pessoal tem seu locus primário na arte sob a forma de *piedade visual*. Os cristãos primitivos se expressavam artisticamente a fim de refletir sua opinião com relação a Deus ao tentar comunicar mensagens com uma função educacional, memorial, cultural e evangelística. Por isso, parte de nossa referência documental trata das iconografias acima provenientes do século 3, encontradas na catacumba de Santa Priscila, localizada na Via Salária em Roma.

<sup>2</sup> The *interpretatio* is a common tendency of the writers of the ancient world to equate foreign divinities to members of a particular local pantheon. Herodotus, for example, refers to the ancient Egyptian gods Amon, Osiris and Ptah as “Zeus”, “Dionysus” and “Festus”, respectively (SMITH, 2001). We created the term “Christian *interpretatio*” to treat the behavior of the *populus* new convert from the Getile circles when they equate Mary with the goddesses of Greek, Roman and Oriental.

<sup>3</sup> THE PROTEVANGELIUM OF JAMES. In: ELLIOT, J.K. *The Apocryphal New Testament: a collection of Apocryphal Christian*. New York: Oxford University Press, 2005.

<sup>4</sup> KOSTER, Helmut. *Ancient Christian gospels: their history and development*. Harrisburg: Continuum International Publishing Group, 2004.

<sup>5</sup> KEARNS, Cleo McNelly. *The Virgin Mary, monotheism and sacrifice*. New York: Cambridge University Press, 2008.

<sup>2</sup> A *interpretatio* é uma tendência comum dos escritores do mundo antigo em igualar os deuses estrangeiros aos membros de um determinado panteão local. Heródoto, por exemplo, refere-se aos antigos deuses egípcios Amon, Osíris e Ptah como “Zeus”, “Dionísio” e “Festo”, respectivamente (SMITH, 2001). Cunhamos o termo “*interpretatio* cristã” para tratar o comportamento do *populus* recém-converso dos círculos gentios ao equiparar Maria a deusas gregas, romanas e orientais.

<sup>3</sup> THE PROTEVANGELIUM OF JAMES. In: ELLIOT, J.K. *The Apocryphal New Testament: a collection of Apocryphal Christian*. New York: Oxford University Press, 2005.

<sup>4</sup> KOSTER, Helmut. *Ancient Christian gospels: their history and development*. Harrisburg: Continuum International Publishing Group, 2004.

<sup>5</sup> KEARNS, Cleo McNelly. *The Virgin Mary, monotheism and sacrifice*. New York: Cambridge University Press, 2008.

Tanto o *Proto-Evangelho de Tiago* quanto a iconografia são importantes para esta pesquisa na medida em que revelam um Cristianismo que podemos considerar de “fronteira”, pois, apesar da roupagem cristã, ele apresenta expressões e valores híbridos, identificados com o Judaísmo e, principalmente, com a cultura helenística. Muitos cristãos, não ligados às lideranças eclesiais, muitas vezes na fronteira entre o Cristianismo e o “paganismo”, inventavam histórias e faziam pinturas, expressando-se numa multiplicidade de meios que davam vazão a demonstrações artísticas e culturais ligadas à tradição e à religião greco-romanas. Assim, enquanto a literatura e a arte cristã são influenciadas por aspectos da sociedade “pagã”, sua forma de culto também era modificada. E a exaltação a Maria é uma das transformações, cujas expressões artísticas e literárias nos ajudam a compreender a formação do Cristianismo. O *Proto-Evangelho de Tiago* e as imagens marianas nas catacumbas revelam que o hibridismo cultural foi um dos fatores responsáveis por forjar o culto mariano. O fato de tais ideias terem se expressado primeiramente em textos apócrifos e na arte revela, acima de tudo, que o locus de nascimento desta piedade era alheio à ambiência eclesiástica episcopal.

Apesar de terem sido dedicados afrescos e obras literárias cristãs a Maria, o culto a ela ainda não poderia ser comprovado no século 2. Contudo, no século 3, algumas transformações farão de Maria uma figura de maior importância.

Nos primeiros duzentos anos, o Cristianismo pôde se expandir gradativamente, favorecido pela clemência imperial (SILVA, 2006).<sup>6</sup> Entretanto, algumas mudanças vão ocorrer no Império ao longo do século 3. A Anarquia Militar (235-284) será instaurada, fruto de uma grande instabilidade, desencadeando uma série de perseguições aos cristãos. Tal momento foi marcado por um agudo quadro de desequilíbrio político, caracterizado pelas várias sucessões ao trono, bem como por um enfraquecimento da imagem e do poder imperiais.

De fato, da ascensão de Décio ao poder, no início do século 3, até o início do século 4, quando o Império esteve sob o comando de Diocleciano, com exceção do período chamado de “Pequena Paz da Igreja” (260-303), qualquer ameaça à ordem imperial passou a ser combatida vigorosamente, inclusive o Cristianismo.<sup>7</sup> A partir do governo de Décio, vários pronun-

from the third century found in the catacombs of Santa Priscilla located in Via Salaria in Rome.

Both the *Proto-Gospel of James* and iconography for this research are important in that it shows that we can consider Christianity a “frontier” because, despite the Christian garb, he presents hybrid expressions and values, identified with Judaism and mainly with the Hellenistic culture. Many Christians, not attached to the church leaders, often on the border between Christianity and “paganism”, invented stories and painted pictures, expressing itself in a multitude of ways that gave vent to statements related to the artistic and cultural tradition and the Greek-Roman. Thus, while the Christian literature and art are influenced by aspects of society “pagan,” his form of worship was also modified. And the exaltation of Mary is one of the transformations, whose artistic and literary expressions help us to understand the formation of Christianity. The *Proto-Gospel of James* and Marian images in the catacombs reveal that cultural hybridism is one of the factors responsible for forging Marian devotion. The fact that such ideas have been expressed primarily in apocryphal texts and art shows, above all, that the locus of this piety of birth was unrelated to the ambience of the episcopal ecclesiastic.

Although they were literary works and frescoes dedicated to Mary Christian, worship it still could not be proved in the second century. However, in the third century, some changes will make Mary a figure of major importance.

In the first two hundred years, Christianity was able to expand gradually, fostered by imperial clemency (SILVA, 2006).<sup>6</sup> However, some changes will occur in the Empire during the third century. Military Anarchy (235-284) will be established, as a result of instability, triggering a series of persecutions of Christians. This moment was marked by an acute imbalance of political context, characterized by several successions to the throne, as well as a weakening of the image and imperial power.

In fact, the rise to power of Decius, in the early third century until the early fourth century, when the Empire was under the command of Diocletian, with the exception of the period called “Little Peace of the Church” (260-303) any threat to impe-

<sup>6</sup> SILVA, G. V. (Org), MENDES, N. M. *Repensando o Império Romano: Perspectiva Socioeconômica, política e cultural*. Rio de Janeiro: Mauad, 2006.

<sup>7</sup> Entre 260 e 303, temos a chamada “Pequena Paz da Igreja”, quando, por

<sup>6</sup> SILVA, G.V. (Org), MENDES, N. M. *Repensando o Império Romano: Perspectiva Socioeconômica, política e cultural*. Rio de Janeiro: Mauad, 2006.

rial order began to be fought vigorously, including Christianity.<sup>7</sup> From the government of Decius, several determinations will be made in order to restrain the Christianity, even as some Christians blamed the breakdown of the *pax deorum*. In contrast, the worship of gods and the emperor, bases symbolic of imperial power, will be a resource to strengthen the central power, very worn. The emperors sought at all costs if we remain faithful to *mos maiorum*.<sup>8</sup>

Will be in such a context, the intensification of the persecution of Christians, we observed a greater attachment to the sacred. As evidence, was discovered in 1917 in Egypt, a Marian prayer of the third century, preserved in a papyrus. This prayer is the most ancient testimony of an invocation of intercession to Mary. Prayer, in Latin called *Sub tuum praesidium* (To your protection), written in Greek, is addressed to Mary, as we see below: “Under your mercy we take refuge, Mother of God! Be sure to consider our petitions in our difficulties. But deliver us from danger, only chaste and blessed!” (Fig 4).

Already using the term *Theotokos* (bearer, Mother of God), the petitioner asks Maria protection against imminent danger. Apparently, prayer is inserted in a context of instability and persecution, being assigned to some Egyptian hermit. We know that prayer is probably the result of the great persecution of Christians considering the expressions of supplication present in writing.

Other testimonies of Christians who turned to Mary in their prayers back to the fourth century and V. In the work of Gregory of Nazianzus, known as 24 Prayer, he says that some virgin Name Key was in trouble, she prayed to Mary to protect and has been met. In the fifth century, Sozomen, in Ecclesiastical History, says that there

cimentos serão realizados com o propósito de coibir o Cristianismo, mesmo porque alguns responsabilizavam os cristãos pela ruptura da *pax deorum*. Em contrapartida, o culto aos deuses e ao imperador, bases simbólicas do poder imperial, será um dos recursos para o fortalecimento do poder central, bastante desgastado. Os imperadores buscavam a todo custo se manterem fiéis ao *mos maiorum*.<sup>8</sup>

Será nesse contexto, de acirramento da perseguição aos cristãos, que observamos um apego maior ao sagrado. Como prova disso, foi descoberta em 1917, no Egito, uma oração mariana do século 3, conservada em um papiro. Essa oração é o mais antigo testemunho de uma invocação intercessória a Maria. A oração, denominada em latim *Sub tuum praesidium* (À vossa proteção), escrita em grego, é endereçada a Maria, como vemos a seguir: “Sob a tua misericórdia nos refugiamos, mãe de Deus! Não deixes de considerar as nossas súplicas em nossas dificuldades. Mas livra-nos do perigo, única casta e bendita!” (Fig. 4).

Já utilizando o termo *theotokos* (portadora, mãe de Deus), o suplicante pede proteção a Maria contra um perigo iminente. Ao que tudo indica, a oração está inserida em um contexto de grande instabilidade e de perseguições, sendo atribuída a algum eremita egípcio. Sabemos que a oração é, provavelmente, fruto das grandes perseguições aos cristãos, haja vista as expressões de súplica presentes no escrito.

Outros testemunhos de cristãos que recorreram a Maria em suas orações remontam aos séculos 4 e 5. Na obra de Gregório de Nazianzo, denominada *Oração 24*, ele afirma que certa virgem por nome Tecla estava em apuros; ela orou para que Maria a protegesse e foi atendida. No século 5, Sozomeno, em *História eclesiástica*, afirma que houve certa devoção a Maria na derrota dos arianos por Gregório de Nazianzo e Teodósio I. Ele descreve o seguinte: “Pelo que o poder de Deus foi ali manifestado por visões, por sonhos e por curas milagrosas de diversas doenças; tais milagres foram credenciados a Maria, Mãe de Deus, a Virgem

um breve momento, as perseguições não ocorreram. Nesse momento, o Cristianismo pôde ampliar suas bases livremente e realizar grandes progressos no interior do Império. Sabemos que sob os governos de Cláudio, o Gótico, e de Aureliano houve alguns mártires, contudo não podemos supor que isso tenha ocorrido devido a alguma perseguição imperial, mas ao zelo excessivo de alguma autoridade provincial ou a alguma ação de comunidades locais (SILVA, 2006).

<sup>8</sup> *Mos maiorum* (costume ancestral) é um código de normas e preceitos sociais orais, originário da Roma Antiga. Tais regras deveriam ser observadas por todo o cidadão romano apegado à tradição.

<sup>7</sup> Between 260 to 303, we called the “Little Church of Peace,” when for a brief moment, the harassment did not occur. At that time, Christianity was able to expand their bases freely and make great progress within the Empire. We know that under the governments of Claudius the Goth, and Aurelian was some martyrs, but we cannot assume that this has occurred due to some imperial persecution, but the excessive zeal of some provincial authority or some action of local communities (SILVA, 2006).

<sup>8</sup> *Mos maiorum* (ancient custom) is a code of social rules and precepts oral originating in ancient Rome. Such rules should be observed throughout the Roman citizen attached to tradition.

Santíssima” (*Hist. Eccl.* VII: 5).<sup>9</sup>

Tanto a fala de Sozomeno quanto a própria obra de Nazianzo revelam que o bispo Gregório era devoto de Maria. É interessante ressaltar que a história de Tecla, recolhida pelo bispo, compõe um apócrifo que remete ao século 2. Todavia, nele não está registrado que Tecla pediu auxílio a Maria. Isso corrobora a ideia de que Gregório utilizou-se da popularidade de Tecla entre os cristãos como forma de legitimar a figura de Maria (D’ANGELO; KRAEMER, 1999).<sup>10</sup>

Gregório de Nissa (século 4), no livro *A vida de Gregório, o Taumaturgo*, fornece-nos evidências de que uma devoção pessoal a Maria estava definitivamente se propagando, principalmente pela possível efusão de fenômenos carismáticos a ela relacionados.<sup>11</sup> Segundo o bispo capadócio, Maria e o apóstolo João teriam aparecido a Gregório, o Taumaturgo, no ano 231, para esclarecer determinadas dúvidas a respeito de algumas doutrinas que estavam provocando sérias controvérsias na *ekklesia* da época (LIMBERIS, 1994).<sup>12</sup>

A partir desse momento, não somente manifestações carismáticas ocorriam tendo Maria como mediadora, e orações eram endereçadas a ela, mas, conseqüentemente, como forma de adoração, hinos também foram entoados em sua honra. No século 4, Efrém, o Sírio, dedicou alguns de seus hinos em devoção a Maria.<sup>13</sup> Em um deles, o bispo afirma: “Deixe as mulheres elogiá-la, Maria pura, que como em véspera de sua mãe, grande era a sua reprovação! Em Maria, sua irmã, foi grandemente ampliada, sua honra” (Hinos XV:23).

Os três testemunhos citados, Gregório de Nazianzo, Gregório de Nissa e Efrém, foram elaborados por bispos ascetas que apresentavam perfis muito próximos. Enquanto continuava

was a certain devotion to Mary in the defeat of the Arians by Gregory Nazianzen and Theodosius I. He describes the following: “By the power of God was there manifested by visions, dreams and miraculous cures of various diseases, such miracles were accredited to Mary, Mother of God, the Blessed Virgin” (*Hist. Ecclesiastes.* VII: 5).<sup>9</sup>

Both Sozomen speaks of as a work of Nazianzus reveal that Bishop Gregory was devoted to Mary. Interestingly, the story of Thecla, collected by the bishop, composes an apocryphal which refers to the second century. However, it is not recorded that Mary Key called for help. This supports the idea that Gregory used the key to the popularity among Christians as a way of legitimizing the figure of Mary (D’ANGELO, KRAEMER, 1999).<sup>10</sup>

Gregory of Nyssa (fourth century), in *The Life of Gregory the Wonderworker*, provides us with evidence that a personal devotion to Mary was definitely spreading, especially the possible outpouring of charismatic phenomena related to it.<sup>11</sup> According to the Cappadocian bishop, Mary and the Apostle John would have appeared to Gregory the Wonderworker, in the year 231, to clarify certain doubts about some doctrines that were causing serious controversies in the *ekklesia* of the time (LIMBERIS, 1994).<sup>12</sup>

From that moment, not only charismatic manifestations occurred after Mary as a mediator and prayers were addressed to her, but, consequently, as a form of worship, hymns were also sung in his honor. In the fourth century, Ephrem the Syrian, dedicated some of his hymns in devotion to Mary.<sup>13</sup> In one, the bishop says: “Let women praise her,

<sup>9</sup> SOZOMEN. *The Ecclesiastical History of Sozomen*. Comprising a History of the Church, from a.d. 323 to a.d. 425. In: SCHAFF, Philip; WACE, Henry. *A Select Library of the Nicene and Post-Nicene Fathers of the Christian Church*. Vol. II. London: Edinburgh, T&T Clark, 1846.

<sup>10</sup> D’ANGELO, Mary Rose; KRAEMER, Ross Shepard. *Women and Christian Origins*. New York: Oxford University Press, 1999.

<sup>11</sup> GREGORY OF NYSSA. *Dogmatic, Treatises, etc.* In: SCHAFF, Philip; WACE, Henry. *A Select Library of the Nicene and Post-Nicene Fathers of the Christian Church*. Vol. V. London: Edinburgh, T&T Clark, 1846.

<sup>12</sup> LIMBERIS, Vasiliki. *Divine Heiress: the Virgin Mary and the creation of Christian Constantinople*. New York: Routledge, 1994.

<sup>13</sup> MORRIS, J.B. *Ephraim Syrus and Nineteen Hymns on the Nativity of Christ in the Flesh*. Oxford: Oxford Library of the Fathers, ND.

<sup>9</sup> SOZOMEN. *The Ecclesiastical History of Sozomen*. Comprising a History of the Church, from a.d. 323 to a.d. 425. In: SCHAFF, Philip; WACE, Henry. *A Select Library of the Nicene and Post-Nicene Fathers of the Christian Church*. Vol. II. London: Edinburgh, T&T Clark, 1846.

<sup>10</sup> D’ANGELO, Mary Rose; KRAEMER, Ross Shepard. *Women and Christian Origins*. New York: Oxford University Press, 1999.

<sup>11</sup> GREGORY OF NYSSA. *Dogmatic, Treatises etc.* In: SCHAFF, Philip; WACE, Henry. *A Select Library of the Nicene and Post-Nicene Fathers of the Christian Church*. Vol. V. London: Edinburgh, T&T Clark, 1846.

<sup>12</sup> LIMBERIS, Vasiliki. *Divine Heiress: the Virgin Mary and the creation of Christian Constantinople*. New York: Routledge, 1994.

<sup>13</sup> MORRIS, J. B. *Ephraim Syrus and Nineteen Hymns on the Nativity of Christ in the Flesh*. Oxford: Oxford Library of the Fathers, ND.

Mary pure, as that on the eve of his mother, great was his failure! In Mary, his sister, was greatly enlarged, your honor” (Hymns XV: 23).

The three witnesses of Gregory of Nazianzus, Gregory of Nyssa and Ephrem, ascetics were prepared by bishops who had profiles very close. While continuing the current threat of persecution, martyrdom was the pinnacle of supreme grace and spiritual ascent. In contrast, the waves of conversion, often superficial or interested parties, both among the masses and the elite, could not fail to bring in its wake the loosening of the spiritual tension within the *ekklesia*. In such conditions, it is understood that the “escape out of the world” has appeared as a necessary condition, or worse, to achieve the perfect life. We see, therefore, the third and fourth centuries, the birth of monasticism in the *ekklesia*, described by some as a white martyrdom, as opposed to the bloody martyrdom of old confessors (SILVA, 2007).<sup>14</sup> Seeking a perfect Christian life, the ascetics named the figure of Mary as an icon of his ideals of obedience and appreciation of virginity. The ascetics were very influenced by the writings as the *Proto-Gospel of James* and some bishops, such as Justin Martyr, Irenaeus of Lyons, Tertullian, Clement of Alexandria. Since the second century, they have praised the figure of Mary as envisioned, and an exemplary model of Christian (virgin), the one that generated the Word of God. In addition, she will be assigned “prophetic charisms.” Thus, for ascetics, Mary, icon of virgin and mother, should be venerated.

There is evidence that some Christian communities in Thrace, Scythia, and Arabia, calls Collyridians, practiced not only private prayers and devotions to Mary, but also rituals organized in his honor. The author denounces the cult as “a fool and a mad idolatry and devil’s work” (*Panarion*, Book III, 79:1,6).<sup>15</sup> The Collyridians, and ordain women to the bishopric, had the following practice: “Some women decorate a carriage or a square chair covered with fine linen, and a certain day of the year, make an offer bread and offer it in sacrifice name of Mary” (Book III, 79:1,7).

<sup>14</sup> SILVA, Gilvan Ventura da. Ascetismo, Gênero e Poder no Baixo Império Romano: Paládio de Helenópolis e o status das Devotas Cristãs. *Revista História*, São Paulo, v. 28, n. 1, pp. 82-97, 2007.

<sup>15</sup> EPIPHANIUS OF SALAMIS. In: WILLIAMS, Frank. *The Panarion of Epiphanius of Salamis*: Book II and III. Leiden: E.J. Brill, 1987.

atual a ameaça das perseguições, era o martírio o ápice da graça suprema e a ascensão espiritual. Em contrapartida, as ondas de conversão, muitas vezes superficiais ou interessadas, tanto entre as massas quanto na elite, não podiam deixar de trazer em seu bojo o afrouxamento da tensão espiritual no interior da *ekklesia*. Em tais condições, compreende-se que a “fuga para fora do mundo” tenha aparecido como condição necessária, ou ao menos favorável, para se alcançar a vida perfeita. Observamos, assim, nos séculos 3 e 4, o nascimento do monasticismo na *ekklesia*, qualificado por alguns como um martírio branco, em oposição ao martírio sangrento dos antigos confessores (SILVA, 2007).<sup>14</sup> Buscando uma vida cristã perfeita, os ascetas nomearam a figura de Maria como ícone de seus ideais de obediência e de valorização da virgindade. Os ascetas foram muito influenciados por escritos, como o *Proto-Evangelho de Tiago* e de alguns bispos, como Justino, o Mártir, Ireneu de Lião, Tertuliano e Clemente de Alexandria. Desde o segundo século, eles já enalteciam a figura de Maria vislumbrada como, além de um modelo exemplar de cristã (virgem), aquela que gerou o Verbo de Deus. Além disso, a ela serão atribuídos “carismas proféticos”. Destarte, para os ascetas, Maria, ícone de virgem e de mãe, deveria ser venerada.

Há evidências de que algumas comunidades cristãs na Trácia, Cítia e Arábia, chamadas coliridianas, praticavam não só preces e devoções privadas a Maria, mas também rituais organizados em sua honra. O autor denuncia o culto como “uma tola e louca idolatria e uma obra do diabo” (*Panarion*, Livro III, 79:1,6).<sup>15</sup> Os coliridianos, além de ordenar mulheres ao bispado, apresentavam a seguinte prática: “Algumas mulheres decoram uma carruagem ou uma cadeira quadrada coberta com linho fino e, em um determinado dia do ano, fazem um pão e oferecem-no em oferta de sacrifício em nome de Maria” (Livro III, 79:1,7).

O pão ou o pequeno bolo referido é um *collris*, que deu nome à seita. Apesar de Epifânio afirmar que tal grupo era “herético” por excelência, é possível que tivesse uma profícua vinculação com a *ekklesia* “ortodoxa”, se é que a heresia não tenha sido absorvida pela ortodoxia, visto que essa comunidade é uma das poucas descritas por Epifânio sobre a qual não se

<sup>14</sup> SILVA, Gilvan Ventura da. Ascetismo, Gênero e Poder no Baixo Império Romano: Paládio de Helenópolis e o status das Devotas Cristãs. *Revista História*, São Paulo, v. 28, n. 1, pp. 82-97, 2007.

<sup>15</sup> EPIPHANIUS OF SALAMIS. In: WILLIAMS, Frank. *The Panarion of Epiphanius of Salamis*: Book II and III. Leiden: E.J. Brill, 1987.

tem qualquer outra informação com exceção de escritos muito posteriores. Entretanto, como era comum naquele momento, seus membros se autodenominavam cristãos. Os coliridianos contribuíram decisivamente para a exaltação da figura de Maria e do próprio *status* da mulher, dado o fato de que, como mostra a fonte, na congregação coliridiana elas exerceriam posições de liderança (BENKO, 2004).<sup>16</sup> Isso pode ser identificado, ainda, na não aceitação, por Epifânio, da revelação advinda de uma mulher, expressa em trechos como: “o diabo tende a vomitar ensinamentos ridículos das bocas das mulheres” (Livro III, 79:1,7) e “As mulheres são instáveis, propensas ao erro e mal-intencionadas” (Livro III, 79:1,6). Os relatos indicam que as mulheres, muitas vezes, representavam uma ameaça à soberania masculina nas igrejas.

O crescimento da devoção mariana nos séculos 2, 3, 4 e 5 provocou conflitos culturais na *ekklesia*, pois, para muitos, certas atitudes de piedade a Maria extrapolavam a fronteira doutrinária e litúrgica, apregoada pelas autoridades eclesíasticas. Epifânio de Salamina, por exemplo, que havia sido monge antes de se tornar bispo, apesar de reprovar os excessos na devoção a Maria, valorizava-a e acreditava em sua virgindade perpétua.<sup>17</sup> Assim, o crescimento da importância e da glorificação de Maria no nível doutrinário-litúrgico, em um impulso a favor da domesticação do culto, vai ser responsável pela intensificação, nos séculos 4 e 5, dos debates, em especial no Concílio de Éfeso (341), no qual os bispos Nestório, de Constantinopla, e Cirilo, de Alexandria, vão travar um duro embate.

The small bread or cake that is a collris, which gave name to the sect. Although Epiphanius say that this group was “heretical” par excellence, it is possible that had a fruitful connection with the *ekklesia* “orthodox”, if that heresy has not been absorbed by the orthodoxy, since this community is described by one of the few Epiphanius on which there is no other information except written much later. However, as was common at that time, its members called themselves Christians. The Collyridians contributed decisively to the exaltation of the figure of Mary and the actual status of women, given the fact that the source as shown in the congregation Collyridians they exert leadership positions (BENKO, 2004).<sup>16</sup> This can be identified, even in non-acceptance by Epiphanius, the revelation coming from a woman, expressed in passages like “the devil tends to spew ridiculous teachings of the mouths of women” (Book III, 79:1,7) and “Women are unstable, prone to error and malicious” (Book III, 79:1,6). Reports indicate that women often posed a threat to sovereignty men in the churches.

The growth of Marian devotion in the Century II, III, IV and V led to cultural conflicts in the *ekklesia*, because, for many, certain attitudes of piety to Mary went beyond the border doctrinal and liturgical heralded by the ecclesiastical authorities. Epiphanius of Salamis, for example, who had been a monk before he became bishop, while reproving the excesses in devotion to Mary, valued it and believed in her perpetual virginity.<sup>17</sup> Thus, the growing importance and the glorification of Mary in the liturgy, doctrinal level, in a push for domestication of worship, will be responsible for intensification, in the fourth and fifth centuries, the debates, especially the Council of Ephesus (341), in which the bishops of Constantinople Nestorius and Cyril of Alexandria will crash a hard struggle.

<sup>16</sup> BENKO, Stephen. *The virgin goddess: studies in the pagan and Christian roots of mariology*. Leiden; New York: BRILL, 2004.

<sup>17</sup> A repulsa dos extremismos fica clara na seguinte afirmação de Epifânio: “Os danos causados por essas duas seitas são iguais, uma vez que uma inferioriza a virgem santa, enquanto a outra, por sua vez, exalta-a em excesso” (Livro III, 79:1,5).

<sup>16</sup> BENKO, Stephen. *The virgin goddess: studies in the pagan and Christian roots of mariology*. Leiden; New York: BRILL, 2004.

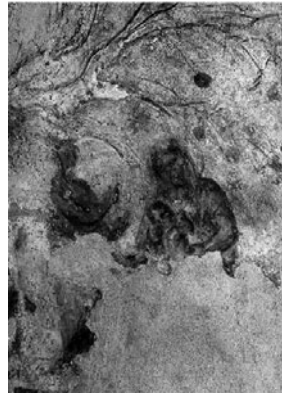
<sup>17</sup> The rejection of extremism is clear in the statement of Epiphanius: “The damage caused by these two sects are equal, as an inferior to virgin saint, while the other, in turn, praises it too much” (Book III, 79:1,5).



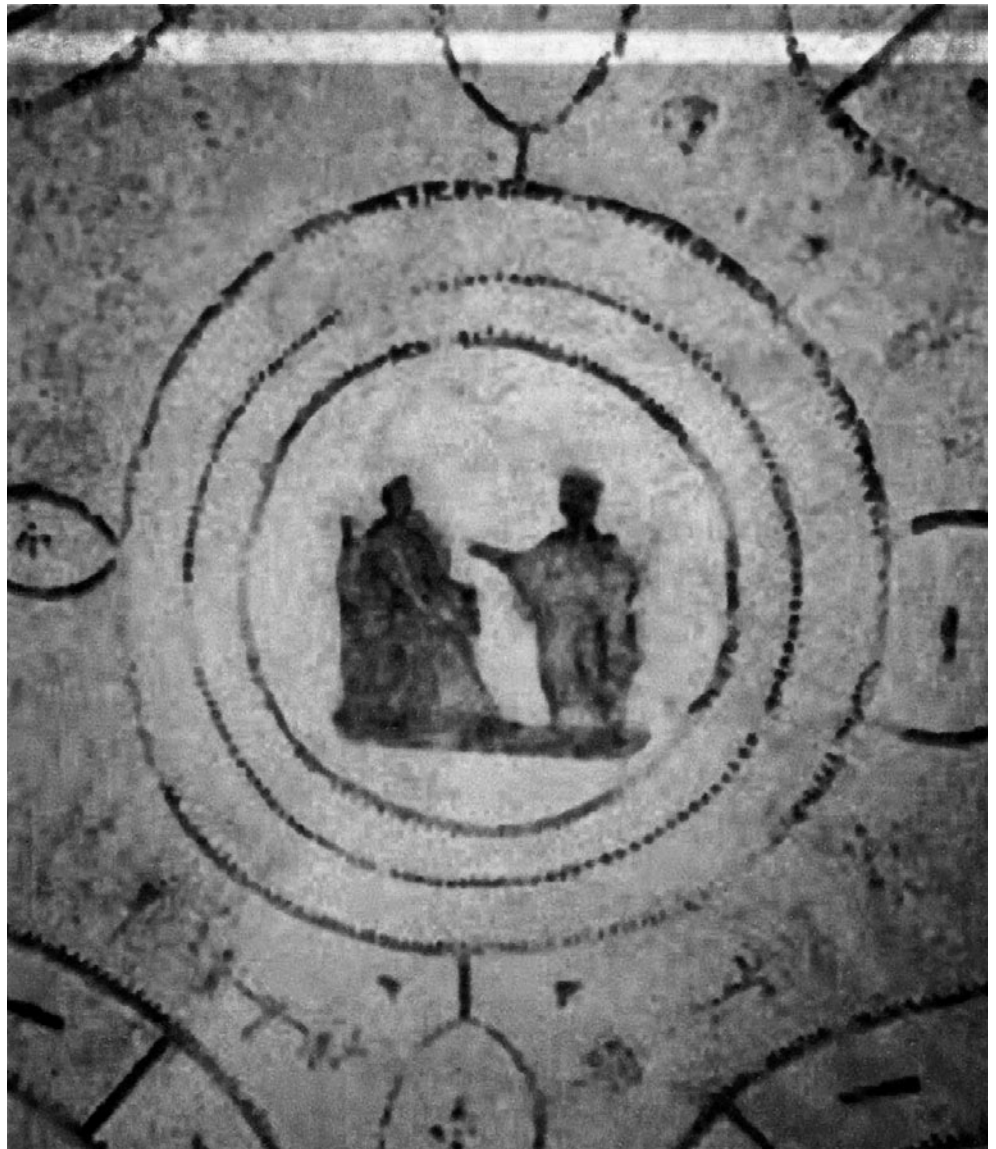
1 Afresco de *Maria e Jesus menino*. Catacumba de Santa Priscila. Via Salária, Roma. Século 3.

2 *Maria e o anjo*. Catacumba de Santa Priscila. Via Salária, Roma. Século 3.

1



2





3



4

3 *Maria e os magos*. Catacumba de Santa Priscila. Via Salária, Roma. Século 3.

4 *Sub tuum praesidium*. Século 3 ou 4.